

Quem conta um conto, embarca numa aventura: do embarque até a chegada

Ana Paula Cecato de Oliveira
UFRGS

Gabriela Fontana Abs da Cruz
UFRGS

Quem conta um conto, embarca numa aventura é o título do trabalho realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no segundo semestre do ano de 2007, em nosso estágio de Língua Portuguesa. Nossas aulas foram ministradas em forma de oficina, com carga horária total de 20 horas, e tinha como público alvo alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental. Com o intuito de relatarmos nossa experiência, descreveremos os processos de elaboração desse projeto até os resultados do trabalho realizado, além de fazer uma reflexão sobre a leitura e a escrita dos alunos com os quais trabalhamos.

A elaboração do projeto de estágio

A delimitação do tema e a escolha do gênero textual para a construção do projeto de estágio de docência se deram durante o período destinado às observações das aulas de Língua Portuguesa das turmas Amora I e Amora II.¹ A professora regente das turmas, Gláucia de Souza, mostrou-nos alguns dos trabalhos que havia desenvolvido referente à leitura e à produção textual. O primeiro deles era o belíssimo trabalho realizado pela turma do Amora I sobre o livro *Armazém do folclore*, de Ricardo Azevedo, um compêndio de vários textos (inclusive contos populares) pertencentes ao folclore brasileiro. Além da leitura, os alunos, ao fim do trabalho, elaboraram um livro chamado *Armazém do Amora I*, com textos criados pelos próprios alunos. O outro trabalho, do Amora II, que ainda estava em fase inicial, era com o livro *Os horripilantes contos de Fadas*, de Michael Coleman. Os alunos ainda estavam realizando sua leitura, mas em breve começariam seu estudo.

¹ Turmas correspondentes ao terceiro ciclo do Ensino Fundamental (5ª e 6ª séries).

A partir dos trabalhos realizados pelas turmas e também através do diálogo com a professora regente, constatamos que os alunos já estavam familiarizados com o gênero conto e, portanto, seria interessante continuarmos trabalhando com este. Entretanto, precisaríamos entrar no imaginário do grupo, saber sobre o que eles gostavam de ler e escrever. A partir das redações dos alunos, as quais eram repletas de histórias de aventuras, protagonizadas desde por craques de futebol até por personagens tiradas das novelas mexicanas do momento, estava determinado o recorte: trabalharíamos contos de aventura.²

Nossa oficina foi organizada conforme o cronograma da escola, ou seja, deveríamos realizá-la em dez aulas de 1h e 40 min e, ao final, haveria uma apresentação dos resultados da mesma, juntamente com as demais oficinas oferecidas. Nosso projeto foi estruturado da seguinte maneira:

Aula 1: Apresentação da oficina, criação de um verbete para "contar uma aventura" de acordo com os depoimentos dos alunos e, posteriormente, a consulta ao dicionário. Leitura do texto *Convite à aventura* de José Paulo Paes.

Aula 2: Contação da história de *Robinson Crusoe*; discussão sobre a história e introdução à proposta de produção textual.

Aula 3: Início da leitura do texto *Uma aventura na selva* (capítulo do livro *O menino no espelho*, de Fernando Sabino); discussão do texto e produção escrita de uma história.

Aula 4: Estudo das personagens de histórias de aventura; criação de uma personagem.

Aula 5: Continuação da leitura do capítulo; estudo sobre ambientes nos quais histórias de aventura ocorrem (características recorrentes); leitura de imagens.

² Optamos por utilizar o gênero textual conto de aventura ao invés de narrativa de aventura, baseada na noção de gênero textual dos Parâmetros Curriculares Nacionais: "famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado". Os PCNs entendem que narrativa enquadra-se como tipologia (seqüência) textual, "são conjuntos de proposições hierarquicamente constituídas, compondo uma organização interna própria de relativa autonomia, que não funcionam da mesma maneira nos diversos gêneros e nem produzem os mesmos efeitos: assumem características específicas em seu interior. Podem se caracterizar como narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva e conversacional." (PCNS, 1998, p. 21,22) Nossa escolha também tem a ver com a estrutura da oficina, a qual será explanada nos próximos capítulos.

Aula 6: Leitura do capítulo; estudo do enredo (organização dos episódios durante a narrativa); proposta de escrita.

Aula 7: Finalização da história *Uma aventura na selva*; discussão e reflexão sobre o texto; retomada dos aspectos estudados durante a oficina.

Aula 8: Devolução da produção inicial dos alunos com os comentários, para que as histórias fossem reescritas; reflexão e discussão dos comentários.

Aula 9: Técnicas de contação de histórias; ensaio para a apresentação.

Aula 10: Avaliação geral da oficina; último ensaio para a apresentação e fechamento.

A aventura da leitura

As aventuras narradas nos textos dos alunos vieram ao encontro da categorização feita por Richard Limberguer sobre as idades de leitura. Nessa faixa etária, os alunos estariam na terceira fase, a da história ambiental e da leitura factual (nove a doze anos):

É a fase intermediária, em que persistem vestígios do pensamento mágico, mas a criança começa a orientar-se mais para o real. Via de regra, o leitor escolhe, neste período, histórias que lhe apresentam o mundo como ele é, através da percepção mágica de determinado personagem. A leitura vai facilitar-lhe a apropriação da realidade, sem romper com o estágio da fantasia, que ainda não abandonou de todo. (*apud* AGUIAR, 1988, p.19)

Os exercícios de leitura foram elaborados respeitando o nível de leitura da faixa etária dos alunos apresentado por Vera Aguiar:

3º nível: Leitura interpretativa. Da 3ª a 5ª série o aluno evolui da simples compreensão imediata à interpretação das idéias do texto, adquirindo fluência no ato de ler. A aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa, bem como o desenvolvimento das capacidades de classificar, ordenar e enumerar dados que permitem que o estudante se adentre mais nos textos e exija leituras mais complexas. (AGUIAR, 1988, p.20).

Durante a oficina, a leitura aconteceu concomitantemente com o estudo dos elementos estruturais do conto. Os textos lidos foram: *Convite à aventura*, de José Paulo Paes e *Aventura na selva*, do livro *O menino no espelho*, de Fernando Sabino. Houve também a leitura de um texto informativo sobre o escotismo e a contação da história do livro *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe e adaptação de Ana Maria Machado.

O texto de José Paulo Paes apresenta o gênero, situando historicamente a literatura de aventuras e os ingredientes de base de suas histórias – o herói, o desconhecido e o perigo. A seguir, a contação da história de Robinson Crusoe, um texto clássico e já conhecido pelos alunos, serviu como intertexto para outros referenciais trazidos pela turma, como o filme *Náufrago* e uma matéria mostrada no programa televisivo *Fantástico* naquela semana. Por fim, o capítulo do livro *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, que narra o episódio quando a personagem se perde em meio a selva durante um acampamento escoteiro, foi lido durante os encontros semanais do grupo. A curiosidade dos alunos sobre o escotismo levou-nos a ler o texto *O escotismo*, que conta um pouco da trajetória do movimento escoteiro que porventura completara cem anos naquele ano.

É incrível observar como os alunos faziam ponte das histórias lidas e ouvidas com a sua realidade. Quando discutíamos os textos, sempre ocorria alguém a contar alguma experiência de ter-se perdido em algum lugar, como Robinson Crusoe e o menino Fernando. As histórias eram ricas de detalhes, muitas delas com fatos bastante inusitados, carregados de fantasia e imaginação. Ali estava o início do próximo passo: a escrita das aventuras dos sonhos de cada aluno, aquela que eles contariam para os colegas de oficina, para os amigos, para a família.

A aventura da escrita

No terceiro encontro da oficina, depois de iniciarem a leitura do capítulo de *O menino no espelho*, os alunos escreveram sua produção inicial. A proposta era de “contar a aventura de seus sonhos”, baseada no que já tinha sido exposto sobre elementos de uma história de aventura.

Nos encontros que se seguiram, como já dito anteriormente, foram estudados elementos estruturais do conto, voltados à discussão de como tais

aspectos se configuram no tema de aventura. Sendo assim, os alunos puderam desenvolvê-los em suas histórias.

Para exemplificar como os elementos foram estudados, descreveremos uma atividade realizada quando trabalhávamos com o elemento personagem. Iniciamos com a discussão sobre as personagens Robinson Crusoe e Fernando, das histórias que já conheciam: como elas eram, o que tinham de comum e de diferente. Os alunos já conheciam o conceito de personagem e logo reconheceram do que se falava. A discussão seguinte versou sobre as características de uma personagem de aventura e sua importância na história. A seguir, os alunos assistiram a alguns trechos de seriados e filmes de aventura como *Profissão Perigo*, *KND – A turma do bairro*, *Harry Potter* e *He-Man*. Privilegiaram-se personagens bastante diversos, como uma turma de crianças, um super-herói, o menino mágico, o homem invencível, para que a discussão posterior se enriquecesse. Pedimos que os alunos prestassem atenção no comportamento das personagens, sua linguagem, ações. Outras perguntas se seguiram: *Que diferentes tipos de personagens temos nestes vídeos? O que estas personagens têm em comum? E o que faz delas personagens de aventura? Quais outras personagens assim você conhece? Para finalizar, como poderíamos definir o que é personagem de aventura?* A atividade de produção foi a descrição da personagem principal da história que os alunos tinham escrito na aula anterior e o desenho desta, ambas atividades numa folha A3.

O estudo dos elementos da narrativa e os exercícios que se seguiram puderam preparar os alunos para a reescrita de seus textos. Nos pareceres entregues a cada um, apontamos aspectos a serem aprimorados em suas produções. Os textos foram reescritos e, posteriormente, começamos os ensaios para a apresentação oral das histórias.

Nossa primeira experiência de docência em Língua Portuguesa proporcionou-nos momentos de muito aprendizado e encantamento. Ao lermos as histórias dos alunos, surpreendemo-nos com as personagens que traziam consigo marcas do seu autor, mas que, ao mesmo tempo, eram carregadas de fantasia. Desde o sonho do jogador de futebol de renome internacional até a construção de um mundo pequeno, onde somente a criança pode entrar.

Referências

AGUIAR, Vera; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura, a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GOTLIB, Nadia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1998.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PAES, José Paulo. (Org.) *Para gostar de ler: histórias de aventuras*. São Paulo: Ática, 2005.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.